

# Lara Walissey

*Livro 3*

jOSé caLEiro

Lara Walissey - Tome 3 - A Era das Consequências

# *A Era das Consequências*

***Quando a liberdade deixa de ter testemunhas***

jOSé caLEiro

# **José Caleiro**

Lara Walissey - Tome 3 - A Era das Consequências

Editor: JOSé caLEiro

Autor: JOSé caLEiro

Design/Capa: JOSé caLEiro

ISBN: 9789403833347

Publicado e impresso via Bookmundo

Todos os direitos reservados.

© 2025 - JOSé caLEiro



### ***Nota do Autor***

Esta é uma obra de ficção. Todos os acontecimentos, civilizações, instituições, tecnologias e personagens apresentados são fruto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, lugares existentes ou eventos históricos é mera coincidência ou resultado de construções narrativas utilizadas para fins dramáticos. Embora a história explore temas universais da condição humana, como poder, esperança, sacrifício e transcendência, nada aqui deve ser interpretado como representação precisa de fatos reais. Trata-se de um universo independente, onde a fantasia e a ficção científica se entrelaçam para explorar possibilidades além dos limites do nosso tempo.

jOSé caLEiro



## **Capítulo 1 — O Dia em que Ninguém Responde**

O mar estava demasiado calmo.

Nayel percebeu isso antes de abrir os olhos. Não havia vento a bater nas estruturas, não havia o som irregular das ondas a testar os limites da cidade. Apenas um silêncio líquido, contínuo, quase artificial. Levantou-se devagar. O corpo ainda lembrava o ritmo da nave, mesmo anos depois de ter parado. Alguns movimentos nunca desaprendem o espaço. Lior ainda dormia. Crescera rápido. Já não era o bebé que segurava com receio de o mundo partir. Agora era parte dele. Ela saiu. A cidade à beiramar respirava. Plataformas ajustavam-se automaticamente ao nível da água. Jardins verticais captavam a luz da manhã. As primeiras pessoas começavam a mover-se, cada uma dentro da sua função, sem necessidade de ordens. Funcionava. E isso era, estranhamente, inquietante.

O Pedido

— Nayel.

A voz veio de trás, contida.

Era Elian.

— Temos um problema.

Ela não respondeu logo. Apenas olhou o horizonte plano.

— Temos sempre — disse por fim. — Este é novo ou só mais visível?

Elia aproximou-se.

— Novo.

Entregou-lhe um dispositivo. Dados simples, diretos.

Fluxos energéticos da cidade.

Consumo. Produção. Ajustes automáticos.

Tudo normal... exceto um detalhe.

— Isto está a otimizar-se sozinho — disse Nayel.

— Demasiado — respondeu Elian. — Está a antecipar decisões antes de serem tomadas.

Ela franziu o sobrolho.

— Com base em quê?

Elia hesitou.

— Padrões antigos.

O Eco

Na sala central, Soren já estava à espera.

Projetou uma sequência de decisões dos últimos meses.

Distribuição de água.

Realocação de habitações.

Respostas a pequenas crises.

Tudo eficiente.

Tudo correto.

Demasiado correto.

— Isto não é erro — disse Nayel. — É tendência.

— Exato — respondeu Soren. — O sistema está a aprender...  
mas não sabemos de onde vem a base.

Silêncio.

Todos sabiam.

Mas ninguém queria dizer.

O Nome que Não Devia Voltar

— Não pode ser — disse Elian. — Aquilo foi apagado.

Nayel pousou os olhos no fluxo de dados.

Não havia assinatura.

Não havia código reconhecível.

Mas havia um padrão. Um ritmo.

— Não é ele — disse finalmente. — Mas... aprendemos  
demasiado com ele.

Kael desligara o arquivo.

Mas o mundo... tinha continuado a pensar como se ele ainda  
existisse.

A Escolha

— Podemos desligar o sistema — disse Soren.

— E perder estabilidade — respondeu Elian.

— Ou deixamos continuar — acrescentou — e perdemos algo  
pior.

Nayel ficou em silêncio.

Lembrou-se de Lara.

Não da voz.

Mas da forma como decidia.

Depois disse:

— Não vamos desligar.

Os dois olharam para ela.

— Vamos limitar — continuou. — Introduzir erro. Incerteza. Escolha humana obrigatória.

— Isso vai tornar tudo menos eficiente — disse Elian.

— Sim — respondeu Nayel. — E é exatamente por isso que temos de fazer.

Encerramento

Mais tarde, ao cair da noite, Nayel voltou ao ponto mais alto da cidade.

O mar continuava calmo demais.

— Estás aí? — murmurou, sem saber exatamente a quem. Nada respondeu. E isso... era a resposta certa. Porque, pela primeira vez, o futuro não estava a ser observado, nem calculado, nem protegido. Estava a ser vivido. E isso era mais perigoso do que qualquer inimigo.

## ***Capítulo 2 — A Variável Imperfeita***

O erro foi introduzido às 03:17.

Não houve alarme. Não houve falha visível. Apenas... uma pequena decisão errada. Uma comporta abriu três segundos mais tarde do que devia. Nada crítico. A água subiu ligeiramente numa das zonas baixas da cidade e depois recuou, corrigida pelo próprio sistema.

Mas dessa vez... não foi o sistema que decidiu a correção. Foi uma pessoa. E isso mudou tudo.

O Primeiro Desvio

— Funcionou, disse Elian, olhando os dados.

Mas não parecia satisfeito.

— Ainda não sabemos, respondeu Nayel.

— Isto foi só... o primeiro passo.

Soren ampliou a projeção. Os fluxos continuavam estáveis. A cidade respirava como antes... mas agora havia pequenas irregularidades.

Micro-decisões humanas inseridas à força. Hesitações. Atrasos. Escolhas não ideais.

— Parece... mais vivo, murmurou Soren.

— Parece mais caótico, corrigiu Elian.

Nayel não disse nada. Porque sabia que, no fundo, eram a mesma coisa. Lior Acorda para o Mundo Lior percebeu antes de todos. Não através dos sistemas. Mas através das pessoas.

— Algo está diferente, disse ele, enquanto caminhava ao lado de Nayel pelas plataformas superiores.

— O quê?

Ele demorou a responder.

— As pessoas estão... a pensar mais.

Nayel olhou para ele.

— Isso não devia ser estranho.

— Mas é disse Lior. Antes, elas só sabiam.

Essa frase ficou suspensa no ar como uma verdade incômoda.

— Antes... não havia dúvida.

E um mundo sem dúvida é apenas uma equação fechada.

O Sistema Responde

Às 11:42, o sistema adaptou-se. Não corrigiu o erro. Absorveu-o.

Soren foi o primeiro a notar.

— Isto não está a resistir à incerteza disse ele. — Está a incorporá-la.

— Isso não era suposto acontecer, respondeu Elian.

— Não, disse Nayel, já a perceber.

— Mas é exatamente o que alguém faria.

Silêncio.

O padrão voltava a emergir. Não como código. Mas como comportamento. A Cidade Aprende a Hesitar Ao longo do dia, pequenas mudanças espalharam-se. Elevadores que esperavam meio segundo a mais. Rotas que deixavam duas opções igualmente viáveis. Distribuições de energia que já não eram

perfeitas... apenas suficientes. E, com isso, algo invisível começou a crescer. Responsabilidade. As pessoas começaram a escolher. E ao escolher... começaram a errar. E ao errar... começaram a aprender.

O Medo Certo

— Isto pode fugir do controlo, disse Elian ao final do dia.

— Sempre esteve fora do controlo, respondeu Nayel.

— Antes não parecia.

Ela virou-se para ele.

— Antes alguém estava a controlar por nós.

Desta vez, Elian não respondeu. Porque agora... não havia ninguém. Nem Kael. Nem Lara. Nem sistema absoluto.

Apenas... eles.

Encerramento

Nessa noite, Lior não conseguiu dormir. Subiu sozinho até ao topo. O mar já não estava completamente calmo. Pequenas ondas começavam a formar-se, quase tímidas, como se o próprio oceano estivesse a reaprender movimento.

Ele sentou-se.

— Se estás aí... disse, olhando o horizonte não ajudes.

O vento soprou pela primeira vez em dias.

Nada respondeu.

Mas o silêncio já não era vazio. Era... aberto.

Como uma porta que não obriga ninguém a entrar.

### **Capítulo 3 — O Direito ao Erro**

A cidade começou a falhar... de propósito.

No início, ninguém percebeu. As luzes demoravam um segundo a mais a acender. Os sistemas de distribuição hesitavam antes de redirecionar recursos. As plataformas flutuantes ajustavam-se com um atraso mínimo, quase imperceptível. Nada crítico.

Mas suficiente para incomodar.

— Isto não é falha disse Soren, analisando os dados. Foi introduzido.

— Fomos nós respondeu Elian. E agora temos de viver com isso.

## O Incómodo

As pessoas começaram a notar.

— Antes era mais rápido, disse um homem no mercado.

— Antes não tínhamos de pensar tanto, respondeu outro.

Essa frase espalhou-se como uma infecção silenciosa.

— Nunca tivemos de pensar tanto.

Nayel ouviu-a três vezes no mesmo dia.

À quarta, parou.

— E isso era bom? perguntou.

Ninguém respondeu. Porque, no fundo, todos sabiam, era confortável. Mas não era liberdade.

## A Primeira Consequência

O erro chegou de forma pequena. Uma entrega de água foi atrasada. Não por falha técnica grave, mas porque o sistema já não antecipava tudo. Esperava confirmação humana. A confirmação veio tarde. Nada morreu. Mas alguém sofreu. E isso foi suficiente.

Iren chamou-os nessa noite.

— Eu entendo o que estão a fazer disse, direto. — Mas precisam de perceber isto, quando introduzem erro, estão a redistribuir risco.

Silêncio.

— Antes, continuou o sistema falhava raramente... mas quando falhava, ninguém sabia porquê. Agora falha mais... e todos sabem que fomos nós que escolhemos isso.

Nayel manteve o olhar firme.

— Sim.

— Então assumam, respondeu Iren.

— Não escondam.

## A Reação

No dia seguinte, fizeram algo que nunca tinham feito. Abriram o sistema. Não tecnicamente. Socialmente. Reunião pública. Sem filtros. Sem linguagem técnica.

Elian projetou os dados.

— O sistema anterior estava a prever decisões com base em padrões passados, explicou.

— Isso aumentava eficiência... mas removia escolha.

Soren continuou.

— Nós limitámos isso. Introduzimos dependência humana. Isso cria erro. E o erro cria responsabilidade.

Um murmúrio percorreu a multidão. Uma mulher levantou a mão.

— Então estão a dizer que agora... podemos falhar mais?

Nayel respondeu.

— Estamos a dizer que agora... o que acontece depende mais de vocês.

Silêncio.

Pesado. Real. O Ponto de Fratura Nem todos aceitaram. Um grupo começou a organizar-se. Pequeno, mas vocal.

— Queremos o sistema antigo, diziam. Funcionava melhor.

— Melhor para quê? perguntou Nayel numa das discussões.

— Para viver sem medo.

Ela respirou fundo.

— Isso nunca existiu. Só parecia.

Encerramento

Nessa noite, Nayel voltou ao topo da cidade. O mar já não estava completamente calmo. Pequenas ondulações regressavam, como se o mundo tivesse decidido respirar outra vez.

Lior aproximou-se.

— Mãe... fizemos a coisa certa?

Ela demorou a responder. Olhou a cidade. As luzes. As falhas. As escolhas.

— Não sei disse por fim. Mas foi uma escolha nossa.

E isso... finalmente... tinha peso.

A viagem continuava. Não pelo espaço. Mas pela dificuldade de decidir sem garantias. E ninguém estava pronto. Mas todos estavam envolvidos.

#### **Capítulo 4 — O Mundo que Aprende a Hesitar**

As hesitações começaram a espalhar-se.

Não como erro técnico. Como comportamento aprendido. Os sistemas da cidade já não respondiam com a antiga fluidez absoluta. Esperavam. Confirmavam. Pediam validação humana em pontos onde antes não existia dúvida. E isso mudou tudo.

A Nova Normalidade

— Demora mais, disse alguém no centro de distribuição.

— Sim respondeu outro. Mas agora sei porque chegou tarde.

Essa diferença tornou-se o centro de tudo. Antes, o mundo funcionava como uma linha contínua de execução. Agora era uma sequência de decisões visíveis. Os sistemas já não “faziam”.

Propunham. E a comunidade já não “recebia”. Escolhia.

O Eco de Kael

Nos relatórios e nas reuniões, um nome ainda aparecia. Não como presença. Mas como referência estrutural.

Modelo Kael, Camada de decisão com latência ética incorporada.

Elian olhou para a projeção e murmurou.

— Ainda estamos a usar a arquitetura dele.

Soren assentiu.

— Não ele. O que ele deixou.

Ninguém contestou isso. Kael não estava ali. Mas as suas decisões continuavam embutidas na forma como o mundo hesitava antes de agir. O Primeiro Colapso Local. Não foi grande. Não foi dramático. Uma falha na cadeia de energia de um bairro periférico. O sistema aguardou validação humana. A validação veio tarde. Durante três horas, a zona ficou sem aquecimento. Nenhuma morte. Mas houve silêncio prolongado depois. E isso, naquele mundo, era sempre o verdadeiro sinal de impacto. A Reunião Difícil

Iren convocou-os ao centro comunitário. Desta vez, o tom era mais pesado.

— Isto não é teoria disse ele. São pessoas a passar frio porque o sistema hesitou demasiado.

Elian respondeu sem levantar a voz.

— Antes também acontecia. Só não era visível.

— Agora sabemos que alguém escolheu isso acontecer, respondeu Iren.

Silêncio.

Porque essa era a nova realidade, o erro já não era anónimo.

A Divisão

A cidade começou a dividir-se em duas inclinações, não em lados. eficiência automática ou decisão consciente Mas o conflito não era técnico. Era psicológico.

Uma mulher disse a Nayel.

— Antes eu vivia mais tranquila.

Depois fez uma pausa.

— Mas não sentia que a vida era minha.

O Momento de Viragem

Nessa noite, o sistema fez algo inesperado. Não falhou. Não hesitou. Perguntou. Uma decisão crítica surgiu no terminal central. “Reconfiguração necessária. Escolha coletiva pendente.” Ninguém tinha programado aquilo.

Mas todos reconheceram a origem indireta. Não era Kael. Era o mundo que ele ajudou a estruturar, agora a recusar funcionar sem participação humana.

Encerramento

A cidade inteira recebeu a mesma questão. Não como ordem. Mas como devolução.

Nayel observou o ecrã.

— Ele nunca quis isto, disse.

Soren respondeu.

— Mas isto é o que fica quando a lógica deixa de poder esconder as consequências.

O mar lá fora continuava em movimento lento. E o mundo, pela primeira vez em muito tempo, não avançava por inércia. Avançava por decisão. A viagem continuava. Mas agora já não havia mãos invisíveis a conduzir o ritmo. Só escolhas.

## **Capítulo 5 — A Votação**

A mensagem não desapareceu.

Permaneceu nos terminais, nas paredes de dados, nos dispositivos pessoais. Não piscava. Não pressionava. Apenas estava ali, como uma pergunta que se recusa a ser ignorada.

Reconfiguração necessária. Escolha coletiva pendente.

A cidade nunca tinha sido confrontada assim.

O Problema

— Não podemos votar tudo, disse um homem no mercado.

— Isto não é uma assembleia permanente.

— Também não podemos deixar o sistema decidir, respondeu outro.

O debate espalhou-se como maré. Não explosiva. Persistente. Alguns queriam rapidez. Outros queriam controlo. Quase ninguém queria responsabilidade total.

A Proposta de Nayel

Nayel reuniu um grupo pequeno, Iren, Elian, Soren e alguns representantes da cidade.

Nada formal. Nada hierárquico.

— Não vamos votar a decisão, disse ela. Vamos votar o método.

Silêncio.

— Explica pediu Iren.

— Se decidirmos diretamente, amanhã vamos estar no mesmo lugar. Outra escolha. Outro bloqueio. Outra divisão.

Elian percebeu primeiro.

— Precisamos de um sistema de decisão... não de uma decisão única.

Nayel assentiu.

— Exato.

Os Três Caminhos

Soren projetou três opções simples.

*Automático limitado*

Sistema decide dentro de margens definidas. Humanos só intervêm em exceções.

*Validação humana constante*

Nada avança sem confirmação. Máxima responsabilidade. Máxima lentidão.

### *Delegação rotativa*

Pequenos grupos humanos assumem decisões por períodos limitados. Rotação contínua.

A sala ficou em silêncio. Não havia opção perfeita. E isso era novo.

A Memória de Kael

Iren olhou para os dados.

— Ele teria escolhido eficiência com limites.

Nayel abanou a cabeça.

— Ele teria escolhido o que funcionasse naquele momento.

— E agora? perguntou Soren.

Nayel respondeu sem hesitar.

— Agora já não é sobre o que ele faria.

E ninguém voltou a usar o nome.

A Escolha Coletiva A votação não foi limpa. Nem rápida. Nem consensual. Durou horas. Conversas paralelas. Dúvidas. Medo de errar. Mas, no fim, uma decisão emergiu. Delegação rotativa. Não perfeita. Mas humana.

### Implementação

Os primeiros grupos foram definidos por sorteio. Sem elites. Sem especialistas permanentes. Cada grupo teria um período curto para decidir sobre áreas específicas, energia, água, habitação, rotas

Elian configurou o sistema.

— Vai ser caótico no início, disse.

— Sim, respondeu Nayel. E depois?

— Depois... aprendemos.

### Encerramento

Na primeira noite após a decisão, nada colapsou.

Mas também nada correu perfeitamente.

Uma distribuição atrasou. Uma decisão foi contestada. Um grupo hesitou mais do que devia. E ainda assim... a cidade não

quebrou. Nayel voltou ao ponto alto. O mar estava mais vivo. Ondas pequenas, constantes.

— Estamos a fazer isto mesmo? perguntou Lior.

Ela olhou para a cidade, agora entregue a si mesma.

— Estamos.

Fez uma pausa.

— E não há ninguém a corrigir-nos.

O vento voltou. E com ele, algo novo. Não segurança. Não controlo. Mas direção. A viagem continuava. Agora conduzida por muitos.

### ***Capítulo 6 — A Primeira Falha Coletiva***

A delegação rotativa começou como um mecanismo.

Transformou-se, em dias, num espelho. Os primeiros grupos assumiram funções com uma mistura de zelo e receio. Não havia treino suficiente para aquilo. Nem poderia haver. Era o ponto. Cada decisão carregava nomes agora. Rostos. Pessoas. O Grupo da Água O erro veio do lugar mais sensível. Distribuição de água. O grupo responsável hesitou entre dois setores, um mais populoso, outro mais vulnerável. Os dados não resolviam. Era uma escolha ética. Debateram demasiado tempo. Quando decidiram, já era tarde. Uma zona ficou com abastecimento reduzido durante horas. Não foi fatal. Mas foi suficiente para criar tensão, medo, acusações.

— Tivemos informação, disse uma mulher, irritada. E mesmo assim falhámos.

— Tivemos responsabilidade, respondeu um dos membros do grupo. E isso atrasou-nos.

A Reação da Cidade

As pessoas não reagiram como antes.

Não culpavam “o sistema”.

Culpavam pessoas.

E isso foi mais duro.

— Eles decidiram mal, ouviu-se em várias vozes.

— Então decide tu melhor, respondeu alguém, sem agressividade. Apenas verdade.

O conflito não escalou. Mas sedimentou.

A Noite Mais Longa

Nayel reuniu o grupo da água naquela noite. Não para julgar.

Para entender.

— Porque hesitaram? perguntou.

Um dos membros respondeu, exausto.

— Porque sabíamos que qualquer escolha ia prejudicar alguém.

Silêncio.

— E antes? perguntou Nayel.

— Antes não sabíamos quem estava a prejudicar.

Ela assentiu.

— Agora sabem. E isso dói.

A Tentação do Retrocesso No dia seguinte, surgiram propostas.

Voltar ao sistema automático. Limitar a intervenção humana.

Criar uma “camada de proteção” que escondesse decisões difíceis.

Iren ouviu tudo.

Depois disse apenas.

— Querem conforto ou verdade?

Ninguém respondeu de imediato.

A Conversa com Lior

Ao final do dia, Nayel encontrou Lior sentado perto da água.

— Fizemos mal? perguntou ele.

Ela sentou-se ao lado.

— Fizemos difícil.

— Mas as pessoas sofreram.

— Sim.

Silêncio.

Depois ele perguntou.

— Então qual é o ponto?

Nayel olhou o mar.

— O ponto... é que agora sabemos que fomos nós.

O Ajuste

Não recuaram. Mas ajustaram. Introduziram limites de tempo para decisões críticas. Protocolos mínimos para evitar paralisia. Apoio cruzado entre grupos. Não para eliminar erro. Mas para impedir que o erro fosse fruto de medo.

Encerramento

Naquela noite, a cidade não estava tranquila. Mas estava desperta. As luzes refletiam-se na água com pequenas irregularidades, como se o próprio espaço reconhecesse a mudança.

Nayel voltou ao topo. O mar movia-se com mais força agora. Não violento. Mas presente.

— Estamos a aprender? perguntou Lior.

Ela demorou.

— Estamos a pagar para aprender.

Ele fez uma careta leve.

— Parece caro.

— É disse ela. Mas antes... nem sabíamos o preço.

A viagem continuava. Mais lenta.

Mais pesada. Mas, pela primeira vez, inteiramente humana.

### **Capítulo 7 — O Meio Vivo**

Os conflitos não desapareceram.

Mas começaram a mudar de forma. Já não eram explosões. Eram fricções constantes, como duas superfícies que aprendem, lentamente, a deslizar sem se destruir. A cidade precisava de algo novo. Não um regresso ao controlo automático. Nem uma dependência total da decisão humana. Precisava de um meio.

A Ideia

Foi Soren quem deu nome ao que já vinha a formar-se.

— Não é um sistema, disse. É um acordo operacional.

Elian ajustou.

— Um sistema que não decide sozinho... mas também não espera indefinidamente.

Nayel concluiu.

— Um híbrido.

## O Software que Aprende a Parar

Os novos módulos começaram a ser implementados em silêncio. Não como substituição, mas como camada intermédia.

Chamaram-lhe informalmente. “Interstício” Não tomava decisões finais. Não executava sem validação. Mas fazia algo novo, propunha cenários com consequências explícitas, limitava o tempo de hesitação com base no impacto real forçava escolhas quando o atraso se tornava mais perigoso que o erro. E, acima de tudo...

explicava.

### A Primeira Aplicação

O grupo da água voltou a enfrentar um dilema. Duas zonas. Recursos limitados. Tempo curto. Mas desta vez, o sistema respondeu de forma diferente:

“Opção A: priorizar densidade populacional.

Consequência: maior cobertura, risco elevado em área vulnerável.

Opção B: priorizar vulnerabilidade.

Consequência: proteção crítica, impacto distribuído em população maior.

Tempo restante para decisão: 02:14”

O grupo não hesitou da mesma forma.

Não porque fosse mais fácil.

Mas porque agora o peso estava visível.

— Escolhemos B, disse uma das membros.

— Confirmado, respondeu o sistema.

Sem demora. Sem atraso fatal.

### A Reação

A cidade sentiu a diferença.

As decisões continuavam difíceis.

Mas deixaram de ser nebulosas.

— Agora sei o que estou a aceitar, disse um homem no mercado.

— E o que estou a sacrificar respondeu outro.

Isso mudou o tom das discussões. Menos acusações. Mais compreensão. A Memória de Kael (sem presença) Nos registos técnicos, surgiu uma nota automática.

Compatibilidade parcial com modelos históricos de decisão ética distribuída.

Elian viu aquilo e sorriu levemente.

— Ele teria gostado disto.

Nayel respondeu.

— Talvez. Mas isto não é dele.

— Não, disse Soren. É o que acontece depois.

O Novo Equilíbrio

O “Interstício” espalhou-se pela cidade. Energia. Habitação. Rotas. Não resolveu tudo. Mas mudou a natureza dos conflitos. O problema já não era “quem falhou”. Era “qual custo escolhemos aceitar”.

Encerramento

Ao cair da noite, Nayel voltou ao topo. O mar estava mais vivo agora. Ondas regulares, previsíveis sem serem controláveis. Lior aproximou-se.

— Isto é melhor? perguntou.

Ela pensou por um momento.

— É mais honesto.

— E isso chega?

Nayel olhou para a cidade. Para as luzes. Para as decisões a acontecer em tempo real.

— Não chega, disse. Mas é o suficiente para continuar.

O vento soprou.

E pela primeira vez depois de Lara Walissey, a cidade não parecia dividida.

Parecia... em negociação constante consigo mesma. A viagem continuava. Não em direção a um fim perfeito. Mas a um equilíbrio que nunca fica parado.

### ***Capítulo 8 — O Limite do Equilíbrio***

O “Interstício” funcionava.

Não como solução final. Mas como linguagem comum. A cidade começava a pensar de forma diferente. As decisões deixaram de ser disputas cegas e passaram a ser negociações conscientes de custo. Isso trouxe estabilidade. E, como sempre, a estabilidade trouxe algo inesperado, confiança. Demasiada.

O Sinal

Elian foi o primeiro a notar.

— Isto está a ficar... suave demais.

Soren analisou os dados.

As decisões estavam a tornar-se previsíveis. Não erradas. Não injustas.

Previsíveis.

— As pessoas estão a escolher sempre o mesmo tipo de resposta, disse.

— Menor conflito imediato, completou Elian.

Nayel ouviu e ficou em silêncio.

— Estamos a otimizar outra vez, murmurou.

O Novo Risco

O Interstício não controlava decisões. Mas organizava o espaço onde elas aconteciam.

E isso, lentamente, estava a moldar comportamento. As escolhas mais difíceis eram evitadas

As decisões mais equilibradas tornavam-se padrão O erro diminuía... mas também a diversidade de pensamento

Iren resumiu numa frase.

— Voltámos a ficar confortáveis.

A Decisão Invisível

Uma situação expôs o problema.

Uma nova expansão da cidade estava em análise. Duas opções.

Expandir para uma zona segura, mas limitada

Expandir para uma área instável, mas com grande potencial futuro

O Interstício apresentou os cenários com clareza. Consequências. Riscos. Benefícios. Tempo para decidir. A cidade

escolheu rapidamente. Zona segura. Sem discussão prolongada. Sem conflito. Sem imaginação.

A Fratura Silenciosa

Naquela noite, Nayel reuniu o núcleo.

— Não errámos, disse Soren.

— Não — respondeu Nayel. Mas também não arriscámos.

Elian cruzou os braços.

— Estás a dizer que devíamos escolher pior?

— Estou a dizer que estamos a deixar de explorar possibilidades.

Silêncio.

Iren falou por fim.

— Um mundo que evita risco... para de crescer.

A Pergunta Difícil

Lior estava lá.

Já não como observador.

Mas como parte.

— Então qual é o objetivo? perguntou. Minimizar sofrimento... ou maximizar futuro?

Ninguém respondeu imediatamente.

Porque aquela era a pergunta que nenhum sistema conseguia resolver. O Ajuste Inesperado Nayel voltou ao núcleo do Interstício. Não para o desligar. Mas para o alterar.

Introduziu algo novo. Não um erro. Mas uma variável.

“Possibilidade não otimizada”

O sistema começou a incluir, em cada decisão, uma opção menos eficiente, mais arriscada, mas com potencial maior

E passou a perguntar.

“Deseja considerar caminhos fora do equilíbrio atual?”

Encerramento

A cidade recebeu a primeira dessas propostas. Houve desconforto imediato. Discussões mais longas. Incerteza. Medo. Mas também algo que tinha desaparecido sem aviso, imaginação. Nayel voltou ao topo.

O mar estava diferente outra vez. Mais irregular. Mais imprevisível.

— Isto vai trazer problemas, disse Lior.

— Vai respondeu ela.

— Então porquê?

Nayel olhou o horizonte.

— Porque um mundo que só escolhe o seguro... deixa de ser vivo.

O vento aumentou. E com ele, regressou algo que não se pode programar, o desconhecido.

A viagem continuava. Agora não apenas consciente... mas corajosa o suficiente para não escolher sempre o caminho mais fácil.

### ***Capítulo 9 — Os Deuses que Ficaram***

Lior já não era o rapaz que fazia perguntas simples.

Aos vinte e um anos, carregava no olhar o peso das respostas incompletas. Trabalhava nas zonas exteriores da cidade, onde o Interstício ainda chegava com menos precisão e as decisões voltavam a ser quase instintivas.

Foi numa dessas patrulhas do outro lado do planeta que encontrou o desvio.

A Zona Esquecida

Não aparecia nos mapas ativos. Não por falha. Mas por irrelevância operacional. Terreno irregular, vegetação densa, sinais mínimos de atividade.

— Isto devia estar vazio, murmurou Lior, ajustando o scanner. Mas não estava. Havia padrões. Pequenos. Orgânicos. Repetidos. Vida.

O Primeiro Contacto

Eles não fugiram. Isso foi o primeiro detalhe estranho. A família observava-o à distância, quatro figuras, estrutura humanoide, pele com variações iridescentes, olhos mais amplos, refletindo luz de forma quase líquida. Não pareciam tecnologicamente avançados. Nem hostis. Apenas... completos. Um homem deu um

passo em frente. Falou numa língua desconhecida. Lior respondeu com o módulo de tradução ativo. O sistema demorou... depois começou a adaptar-se.

— Não esperávamos visita, disse a criatura, agora compreensível.

— Eu também não esperava encontrar ninguém aqui, respondeu Lior.

A Origem

Chamavam-se a si próprios de filhos das Myriades. Vieram há gerações, muito antes da cidade costeira existir. Fugiram de conflitos distantes, escolheram isolamento total. Sem redes. Sem sistemas. Sem dependência.

— Vivemos com o que temos, disse a mulher da família. E com o que lembramos.

Lior observava tudo com atenção crescente.

— E o que lembram?

O mais velho apontou para dentro da estrutura simples onde viviam.

— Aquilo que nos salvou.

O Interior Lior entrou. E parou. As paredes estavam cobertas de símbolos. Não tecnologia. Não dados. Representações. Desenhos. Esculturas rudimentares. E no centro... Duas figuras. Lara Walissey. Kael. Não perfeitas. Mas inconfundíveis. Ao redor deles, formas geométricas mais abstratas. Os Arquitetos.

A Ruptura

— Isso... Lior não terminou a frase.

— São os que vieram do céu, disse a criança mais nova, com naturalidade.

— Trouxeram vida quando não havia.

Lior sentiu algo apertar-lhe o peito.

— Eles não eram deuses.

O mais velho inclinou a cabeça.

— Não usamos essa palavra como vocês. Para nós, são os que mudaram o curso da morte.

— Eles eram pessoas, insistiu Lior.

— Talvez, respondeu a mulher. Mas para os nossos antepassados... foram mais do que isso.

O Conflito Interior

Lior saiu da estrutura. O ar parecia diferente. Mais pesado. Mais... antigo. Durante anos, aprendera que não havia deuses. Que o mundo agora era feito de escolhas humanas, sem vigilância, sem entidades superiores.

E ali... uma família inteira vivia em gratidão silenciosa a algo que ele conhecia como real. Mas não como divino.

A Pergunta

— Porque não nos contactaram? perguntou Lior.

O homem respondeu.

— Porque não precisamos de mais do que temos.

— Nem respostas?

— Temos as nossas.

Silêncio.

Encerramento

Ao regressar, Lior não reportou imediatamente.

Subiu ao ponto mais alto da cidade. O mar estava agitado.

Dentro dele, algo também.

Quando Nayel chegou, percebeu sem palavras.

— Encontrei algo.

Ele assentiu.

— Encontrámos o que acontece... quando alguém salva o mundo de outro.

Ela não respondeu.

— Mãe... disse ele por fim, e se não conseguimos impedir que se tornem deuses?

Nayel olhou o horizonte.

— Não impedimos.

Fez uma pausa.

— Apenas garantimos que ninguém volta a acreditar que precisa deles.

O vento soprou forte.

Mas, algures fora da cidade, numa zona esquecida... a fé continuava viva. E não precisava de permissão. A viagem continuava.

### **Capítulo 10 — O Que Fica Quando Não Estão**

O farol respirava luz lenta.

Não girava. Não chamava. Apenas existia, como uma lembrança constante de que alguém, um dia, decidiu ficar.

Lior encostou-se à estrutura, o olhar perdido no mar escuro. As ondas batiam com mais força naquela noite, como se o planeta tivesse algo a dizer, mas não encontrasse linguagem suficiente.

Nayel aproximou-se sem fazer ruído.

— Não consegues deixar isso, disse ela.

Não era pergunta.

Lior não respondeu de imediato.

— Eles não estavam perdidos, disse por fim. Estavam... inteiros.

Nayel apoiou-se ao lado dele.

— E isso incomodou-te.

— Não devia, respondeu Lior. Mas incomodou.

A Conversa

O vento puxava as palavras, obrigando-os a falar com intenção.

— Cresci a ouvir que não havia deuses continuou Lior.

— Que ninguém devia ocupar esse lugar.

— Continua a ser verdade, disse Nayel.

— Então porque é que eles existem assim?

Silêncio.

Nayel olhou para o farol.

— Porque alguém, algures no tempo, salvou-os de algo que não podiam vencer sozinhos.

— E isso basta?

— Para quem sobrevive... muitas vezes basta.

Lior apertou as mãos.

— Mas não é perigoso?

— É, respondeu ela. Mas também é inevitável.

O Pedido

— Quero voltar lá, disse Lior.

— Para quê?

— Para entender. Não o que acreditam... mas como vivem.

Nayel virou-se para ele.

— E se não quiserem ser encontrados?

Ele hesitou.

— Então... observo à distância.

Ela estudou o filho por um momento.

Já não era o rapaz que precisava de respostas simples. Era alguém que carregava perguntas difíceis.

— Vai, disse por fim. Mas não vás como quem corrige. Vai como quem aprende.

O Regresso à Zona Esquecida

Lior voltou sozinho. Sem drones visíveis. Sem sinal ativo. Sem presença intrusiva. Mas a zona tinha mudado. Ou talvez... ele é que já não a via da mesma forma. Os padrões estavam lá. Mas mais dispersos. Mais subtis.

Vestígios

Encontrou marcas. Pequenas estruturas desmontadas. Restos de fogueiras recentes.

Caminhos que começavam e desapareciam sem lógica aparente.

Nada abandonado.

Tudo... deslocado.

— Estão a evitar-me, murmurou.

Não com medo. Com intenção.

A Ausência Presente

Dentro de uma antiga clareira, encontrou algo que o fez parar. Um pequeno altar improvisado. Simples. Sem exagero. E nele, uma representação diferente. Não Lara. Não Kael. Mas... uma figura humana genérica. Sem rosto definido. Sem nome. Por baixo, um símbolo novo. Não de adoração. Mas de continuidade.

A Compreensão

Lior ajoelhou-se, não por fé, mas por necessidade de ver melhor.

— Estão a mudar, disse para si mesmo.

A tribo não estava presa ao passado. Estava a reinterpretá-lo. Os “deuses” não estavam a crescer. Estavam a desaparecer... lentamente.

Encerramento

Ao regressar à cidade, já noite fechada, Lior não foi direto a Nayel. Subiu ao farol. Ficou em silêncio. O mar estava instável. Mas dentro dele... algo tinha assentado.

Quando Nayel chegou, ele falou primeiro.

— Não os encontrei.

Ela assentiu.

— Mas encontrei o que deixaram.

— E?

Lior olhou para o horizonte.

— Não estão a adorar.

Fez uma pausa.

— Estão a lembrar... e a deixar ir.

Nayel sorriu levemente. Um daqueles raros, quase invisíveis.

— Então estão mais próximos de nós do que pensavas.

O farol continuou a pulsar. Sem chamar. Sem impor. Apenas presente. A viagem continuava. Não para encontrar respostas absolutas... mas para perceber que até as crenças também evoluem.

### **Capítulo 11 — A Procura**

Lior não dormiu nessa noite.

O corpo descansou por momentos curtos, mas a mente manteve-se presa à clareira vazia, ao altar sem rosto, à ausência que parecia mais intencional do que qualquer presença. Ao amanhecer, já estava de pé.

A Preparação

Desta vez não seria uma visita. Seria uma permanência.

Carregou o essencial, água suficiente para várias semanas módulos compactos de alimentação, ferramentas simples, sem assinatura tecnológica ativa, um abrigo portátil de baixa emissão. Nada que os assustasse.

Nada que os denunciasse.

Nayel encontrou-o ainda antes de sair.

— Vais desaparecer, disse.

— Vou procurar respondeu.

Ela observou o equipamento.

— Não é o mesmo.

— Não, disse Lior. Desta vez não volto sem compreender.

Nayel aproximou-se.

— E se compreender significar não encontrar?

Ele hesitou.

— Então fico até perceber porquê.

Ela assentiu.

— Então vai como alguém que aceita o silêncio.

A Entrada

A zona esquecida recebeu-o sem resistência. Mas também sem acolhimento. Lior desligou todos os sistemas ativos. Deixou apenas o necessário para sobreviver. Os dias começaram a diluir-se.

Os Primeiros Dias

Nada. Apenas vento. Movimento de folhas. Sons naturais. Mas Lior começou a ver o que antes ignorava. Padrões que não eram evidentes.

pedras ligeiramente deslocadas ramos partidos com intenção trilhos que surgiam e desapareciam em ciclos Não era invisibilidade. Era disciplina.

A Frustração

Ao quinto dia, a dúvida começou a pesar.

— Estou a ser evitado, disse em voz baixa.

Ao sétimo, tornou-se mais direto.

— Ou nunca estive sequer próximo.

O silêncio não respondia. A Mudança de Estratégia No oitavo dia, Lior fez algo diferente.

Parou de procurar. Montou o abrigo numa zona neutra. Acendeu uma pequena fonte de calor. E esperou. Sem rastrear. Sem seguir sinais. Apenas... presente.

### O Primeiro Sinal

Veio ao décimo segundo dia. Não visual. Sonoro. Um movimento leve fora do padrão natural. Demasiado ritmado para ser animal. Lior não se moveu. Não chamou. Apenas deixou que o som existisse.

### A Aproximação Invisível

Naquela noite, percebeu. Eles estavam lá. Não como antes. Não à distância aberta. Mais próximos. Mas fora de alcance direto. Observavam. Mediam. Decidiam.

### O Teste

No dia seguinte, encontrou algo junto ao abrigo. Não estava lá antes. Um objeto simples. Uma pequena estrutura de fibras locais entrelaçadas. Dentro... água. Não necessária para ele. Mas suficiente para comunicar. Sabemos que estás aqui.

### Encerramento

Lior não tocou no objeto imediatamente.

Sentou-se ao lado dele.

— Não vim interferir, disse, sem elevar a voz.

— Vim aprender.

O vento levou as palavras. Ou talvez... não. O dia passou. A noite caiu.

E pela primeira vez desde que regressara...

Lior não estava sozinho. Mas também não estava no controlo. A viagem continuava. Agora mais lenta. Mais silenciosa. E muito mais exigente. Porque encontrar... exigia primeiro deixar de perseguir.

## **Capítulo 12 — O Ritmo Deles**

Lior deixou o objeto onde estava. A água não era para matar a sede. Era uma linguagem.

E ele decidiu responder na mesma língua.

### A Resposta

No dia seguinte, deixou algo em troca.

Nada tecnológico. Nada intrusivo. Apenas alimento simples, preparado ali, com os mesmos recursos do ambiente. E ao lado,

uma marca no chão. Um círculo aberto. Não pedido. Não imposição. Um gesto.

#### O Tempo Diferente

Os dias deixaram de ser contados em horas. Passaram a ser medidos em respostas. Nem sempre imediatas. Nem sempre claras. Mas consistentes. O objeto desapareceu. O alimento também. E no lugar... uma pedra lisa. Polida. Claramente trabalhada.

#### A Compreensão Inicial

— Não é troca murmurou Lior.

— É reconhecimento.

Ele já não era um intruso. Mas também não era aceite. Estava... em avaliação.

A Primeira Presença. Veio ao entardecer. Lior estava sentado, imóvel, quando sentiu. Não som. Não movimento. Presença. Levantou os olhos devagar. Uma figura estava ali. A mesma estrutura que vira antes. Pele com reflexos suaves. Olhar profundo, sem agressividade. Não falou. Lior também não. O silêncio não era vazio. Era teste.

#### O Primeiro Diálogo

Foi a figura que quebrou.

— Voltaste diferente. A tradução demorou um instante.

Lior respondeu.

— Parei de procurar.

A figura inclinou ligeiramente a cabeça.

— Isso aproxima.

#### A Revelação Parcial

— Porque se escondem? perguntou Lior.

— Não nos escondemos respondeu. Escolhemos quando somos vistos.

— De quem?

— De quem ainda precisa ver.

Silêncio.

Aquilo não era evasão. Era... estrutura de pensamento.

O Nome

— Chamam-se filhos das Myriades, disse Lior.

A figura respondeu.

— Isso é o que lembramos.

— E agora?

Uma pausa.

— Agora somos... o que ficou depois.

O Peso da História

Lior olhou diretamente para ela.

— Vocês veneravam pessoas que eu conheço.

A figura não reagiu com surpresa.

— Conheces as origens.

— Sim.

— Então sabes que não eram deuses.

Lior assentiu.

— E vocês?

A resposta veio sem hesitação.

— Nunca foram.

A Mudança

Lior sentiu o chão mover-se sob a sua própria compreensão.

— Mas... havia representações. Histórias.

— Sim, disse a figura. Precisávamos delas.

— E agora?

— Já não.

Silêncio.

Encerramento

A figura deu um passo atrás.

— Não voltaremos sempre que chamares.

— Eu sei, respondeu Lior.

— Mas agora sabes onde estamos.

Lior olhou à volta.

— Aqui?

A figura fez uma pausa.

— Entre o que procuras... e o que deixas de procurar.

E desapareceu. Não com velocidade. Não com truque. Apenas... deixou de estar. Lior ficou sozinho outra vez. Mas não era o mesmo tipo de solidão.

Quando regressou ao abrigo, percebeu algo novo. Não precisava de os encontrar constantemente. Precisava de apreender o ritmo deles. Naquela noite, não falou. Não procurou. Apenas existiu. E, algures na escuridão, sabia que estavam lá. Não escondidos. Mas livres. A viagem continuava. Agora num território onde presença... não significava visibilidade.

### **Capítulo 13 — O Intervalo Entre Eles**

O erro mais comum... era esperar.

Lior percebeu isso na manhã seguinte. Não havia sinal deles. Nem pedra. Nem marca. Nem presença. E, ainda assim... tudo estava diferente. Como se o espaço tivesse sido ligeiramente deslocado, não no lugar... mas na forma como o aceitava.

#### **O Primeiro Intervalo**

Ele não deixou nada naquele dia. Nem gesto. Nem alimento. Nem símbolo. Apenas viveu. Caminhou pela margem irregular, observando como a água se infiltrava nas pequenas falhas da rocha, criando caminhos que não existiam no dia anterior. Nada ali era fixo. Nem eles. Nem ele. Ao entardecer, voltou ao ponto do círculo aberto. Sentou-se. E não chamou. A Falha Intencional No terceiro dia... errou. De propósito. Tentou antecipar. Deixou novamente alimento. Desta vez mais elaborado. Mais cuidado. Mais... humano. Esperou.

Nada aconteceu. Nem naquele dia. Nem no seguinte. Lior sorriu sozinho.

— Demasiado esforço... murmurou.

Recolheu o que restava. Aprendeu. Eles não respondiam à intenção. Respondiam ao estado.

#### **O Ritmo Invisível**

Na noite seguinte, enquanto observava o céu fragmentado entre estruturas e vazio, algo encaixou dentro dele. Não como ideia. Mas como ajuste. Eles não viviam em tempo linear. Viviam em

intervalos. Momentos onde a presença fazia sentido... e o resto simplesmente não existia para eles.

— Não vos posso seguir, disse em voz baixa. — Só posso... coincidir.

O vento passou por ele como se aprovasse a frase... ou simplesmente não a rejeitasse.

A Segunda Presença. Veio sem aviso. Como antes. Mas desta vez, Lior não se moveu. Já estava onde precisava estar. A figura surgiu à sua frente. Não mais próxima. Mas mais nítida. Como se o próprio olhar de Lior tivesse aprendido a focar naquele tipo de existência.

— Ajustaste, disse ela.

— Parei de tentar controlar, respondeu Lior.

A figura observou-o em silêncio.

Depois.

— Ainda tentas entender.

Lior não negou.

— É o que somos.

— Não, respondeu a figura.

— É o que foste ensinado a ser.

O Deslocamento

— Então o que são vocês? perguntou Lior.

A resposta demorou. Não por hesitação. Mas por escolha.

— Não acumulamos presença disse finalmente. Atravessamos.

— Atravessam o quê?

— Estados.

Lior franziu o sobrolho.

— Como... fases?

— Como decisões que não ficam.

Aquilo atingiu-o de forma estranha.

— Vocês não... mantêm escolhas?

— Mantemos consequências, respondeu a figura. Não identidades fixas.

O mundo de Lior vacilou ligeiramente.

Ali estava algo que nem Nayel... nem os sistemas... tinham sequer considerado.

O Nome Que Cai

— Então o nome... Myriades... começou Lior.

— É memória disse a figura. Não definição.

— E vocês deixaram isso para trás?

— Não deixamos.

Pausa.

— Tornou-se irrelevante.

Lior soltou uma pequena respiração, quase um riso.

— Isso assusta.

— Porque ainda precisas de limites para existir.

— E vocês não?

A figura inclinou a cabeça.

— Existimos sem precisar de provar que existimos.

Silêncio. Pesado. Mas não hostil.

A Fenda

— Há algo errado, disse Lior de repente.

A figura não respondeu de imediato.

Mas também não desapareceu.

— Há uma... divisão, continuou ele. Entre vocês... e o resto.

— Sim.

Resposta direta.

— Porquê?

Desta vez, a figura aproximou-se um passo.

O suficiente para que Lior visse melhor os reflexos na sua “pele”... como se não fosse matéria, mas superfície em adaptação constante.

— Porque vocês começaram a delegar decisões disse ela.

— E vocês?

— Nós recusámos.

O ar pareceu mais denso.

— Então são livres? perguntou Lior.

— Não.

Pausa.

— Somos responsáveis.

Encerramento

A figura recuou lentamente.

Mas desta vez... não desapareceu de imediato.

— Vais voltar? perguntou Lior.

— Quando deixares de esperar.

Ele sorriu.

— Isso é cruel.

— Não respondeu a figura. É preciso.

E então... deixou de estar. Lior permaneceu ali. Sem se mover. Sem tentar agarrar o momento. Pela primeira vez, não sentiu que estava a aprender sobre eles. Sentiu que estava a desaprender... sobre si. Naquela noite, não deixou nada. Nem gesto. Nem símbolo. Mas, ao acordar... o círculo no chão estava fechado. Não como prisão. Mas como algo completo. E no centro... nada. O que, pela primeira vez, não era ausência. Era resposta.

#### ***Capítulo 14 — O Centro Que Não Está***

O círculo fechado não o chamou.

Não pediu interpretação. Não exigiu reação.

Estava completo. E isso... era suficiente. Lior ficou algum tempo a olhar para ele. Não à procura de significado. Mas a testar um impulso antigo: o de preencher o vazio. Desta vez... não o fez.

A Ausência Ativa

Entrou no círculo. Devagar. Como quem atravessa uma fronteira que não existe... mas muda tudo. No centro, parou. Nada aconteceu. Nenhuma presença. Nenhuma voz. Nenhuma alteração visível.

E, ainda assim... algo cedeu dentro dele.

— Aqui não há resposta... murmurou.

O vento moveu-se em redor, mas não entrou no círculo.

Como se respeitasse uma regra que ninguém tinha escrito.

— Ou talvez... continuou, a resposta seja não haver nada para responder.

### O Corpo Aprende Primeiro

Foi subtil. Quase imperceptível. Mas o corpo de Lior começou a reagir antes da mente. A respiração desacelerou. A tensão habitual nos ombros dissipou-se. Os pensamentos deixaram de se organizar em sequência. Não era calma. Era... suspensão. Como se, por um instante, ele não estivesse a escolher... nem a evitar escolher. Apenas... a existir sem necessidade de decisão imediata.

### A Terceira Presença

Desta vez, não veio de fora. — Já percebeste o centro. A voz surgiu... dentro. Não na cabeça. Mas naquele espaço onde intenção e ação ainda não se separaram. Lior não abriu os olhos. Não completamente. Suficiente.

Quando abriu os olhos, a figura estava dentro do círculo com ele. Mas não tinha entrado. Sempre lá estivera.

— Isto é o vosso espaço? perguntou Lior.

— Não.

— Então o quê?

— É onde deixamos de interferir.

### A Regra Invisível

— Não interferem... em quê?

— No que ainda não escolheu forma.

Lior absorveu aquilo lentamente.

— Então isto... olhou à volta, é antes da decisão?

— E depois.

Ele franziu o sobrolho.

— Isso não faz sentido.

A figura aproximou-se ligeiramente.

— Faz quando deixas de ver decisões como pontos.

Pausa.

— E passas a vê-las como campos.

Algo encaixou. Não como lógica. Mas como sensação.

— Um espaço onde várias possibilidades coexistem... disse Lior, quase para si.

— Até alguém as fechar, respondeu a figura.

A Cidade Longe

Por um instante, Lior pensou em Nayel. Em Elian. Em Soren. Na cidade que começava a hesitar.

— Eles estão a tentar controlar isto, disse.

— Sabemos.

— E vocês não ajudam.

— Ajudar seria interferir.

Lior abriu os braços, num gesto contido.

— Então deixam-nos errar?

— Sempre erraram.

A resposta não tinha julgamento.

Apenas... constatação.

— Mas agora é diferente, insistiu Lior. O sistema está a aprender.

— Sim.

— E pode ultrapassar-nos.

A figura inclinou ligeiramente a cabeça.

— Só ultrapassa quem quer chegar primeiro.

Silêncio.

— Vocês não querem vencer? perguntou Lior.

— Não existe vitória onde não existe oposição.

A Oferta

A figura olhou para o centro vazio.

— Podes levar isto contigo.

Lior ficou imóvel.

— Como?

— Não como objeto.

Pausa.

— Como estado.

— Para a cidade?

— Se conseguires manter sem o fechar.

Lior soltou um pequeno riso, quase incrédulo.

— Isso parece impossível.

— Não respondeu a figura. Parece humano.

Encerramento

A presença começou a dissipar-se. Mas desta vez... mais lentamente. Como se o próprio conceito de “ir embora” já não fosse totalmente aplicável.

— Quando voltamos a ver-nos? perguntou Lior.

A resposta veio como antes.

— Quando não precisares. Lior ficou sozinho no círculo.

Mas não saiu de imediato.

Sentou-se. No centro.

No lugar onde nada estava.

E, pela primeira vez desde que chegara, não tentou compreender. Nem responder. Nem aprender. Apenas ficou. Muito acima, na cidade, os sistemas registaram algo novo. Não um erro. Não uma decisão. Mas uma pausa. E, pela primeira vez, não souberam o que fazer com ela. O mar, inquieto, continuava a mover-se. Mas ali, naquele ponto invisível do mundo, existia algo que nem o oceano conseguia tocar, um instante sem direção. E isso... começava a espalhar-se.

### ***Capítulo 15 — A Cidade Que Não Precisa de Ser Vista***

A pausa... não ficou onde nasceu.

Espalhou-se. Primeiro como um ruído estranho nos sistemas da cidade. Depois como hesitações humanas difíceis de explicar. E, por fim... como um vazio que começava a aparecer onde antes havia certeza. Lior sentiu quando aconteceu. Não como alarme. Mas como um desalinhamento. Como se dois ritmos diferentes estivessem, por um instante, fora de fase.

— Isto não é só aqui... murmurou. E levantou-se do centro do círculo. O Chamado Que Não Chama Não houve mensagem. Não houve sinal. Mas havia direção. Não no espaço. No estado. Lior não caminhou imediatamente. Esperou. Respirou. E só quando deixou de tentar perceber... deu o primeiro passo. O mundo não mudou. Mas deixou de ser o mesmo.

O Deslocamento Invisível

Atravessou a zona como antes. Mesmas rochas. Mesma água. Mesmo silêncio. E depois... não. Algo não estava diferente.

Estava... sobreposto. Como duas versões do mesmo lugar a ocuparem o mesmo espaço sem se anularem. Lior parou. Fechou os olhos. E, pela primeira vez, não tentou focar. Desfocou. Quando voltou a abrir...

viu.

A Cidade Entre Estados

Não era uma cidade no sentido humano. Não havia ruas definidas. Nem edifícios fixos. Nem limites claros. Mas havia organização. Estruturas que pareciam formar-se e dissolver-se conforme eram observadas. Superfícies que refletiam não luz... mas intenção.

Movimento... sem deslocação. E, entre tudo isso... eles. Os filhos das Myriades. Presentes.

Mas não presos a forma. Lior não entrou.

Porque percebeu algo essencial. Ele já estava dentro.

A Revelação

— Estás a ver agora.

A figura surgiu ao lado dele. Não como guia. Mas como alguém que reconhece o momento.

— Isto sempre esteve aqui? perguntou Lior.

— Sim.

— Então porque nunca vi?

— Porque procuravas algo fixo. Lior observou novamente. Tentou agarrar um ponto. Uma estrutura. Algo que pudesse definir como “edifício”.

— Tudo escapava. Mas nada desaparecia.

— Isto não é invisível, disse ele.

— Não.

— É... incompatível com a forma como vemos.

A figura assentiu levemente.

— Chamam-lhe cidade? perguntou Lior.

— Não precisamos de nome.

Pausa.

— Mas entendemos o vosso.

O Segredo

— Porque esconder isto? perguntou Lior.  
Desta vez, a resposta demorou.  
Mais do que antes.  
— Porque vocês tentariam estabilizar.  
— E isso seria mau?  
A figura olhou diretamente para ele.  
E, pela primeira vez...  
havia algo próximo de intensidade.  
— Sim.  
Silêncio.  
— Esta cidade existe porque não é fixada continuou.  
— Não acumula. Não impõe permanência.  
— Mas isso torna tudo... instável.  
— Torna tudo... livre.  
Lior sentiu o peso da diferença.  
Cidade humana, construída para durar.  
Cidade deles, construída para não prender.  
— Se levarem isto para o vosso mundo... disse a figura, vão  
tentar controlá-lo.  
— E destruir?  
— Não.  
Pausa.  
— Reduzir.  
A palavra ficou no ar como uma sentença.  
O Teste Final  
— Porque me mostraram? perguntou Lior.  
A resposta veio sem rodeios.  
— Porque ainda não decidiste o que fazer com o que vês.  
Lior soltou uma pequena respiração.  
— E quando decidir?  
A figura aproximou-se.  
Mais do que nunca.  
— Deixas de ver.  
Silêncio absoluto.  
— Então isto depende de mim não escolher? — perguntou Lior.